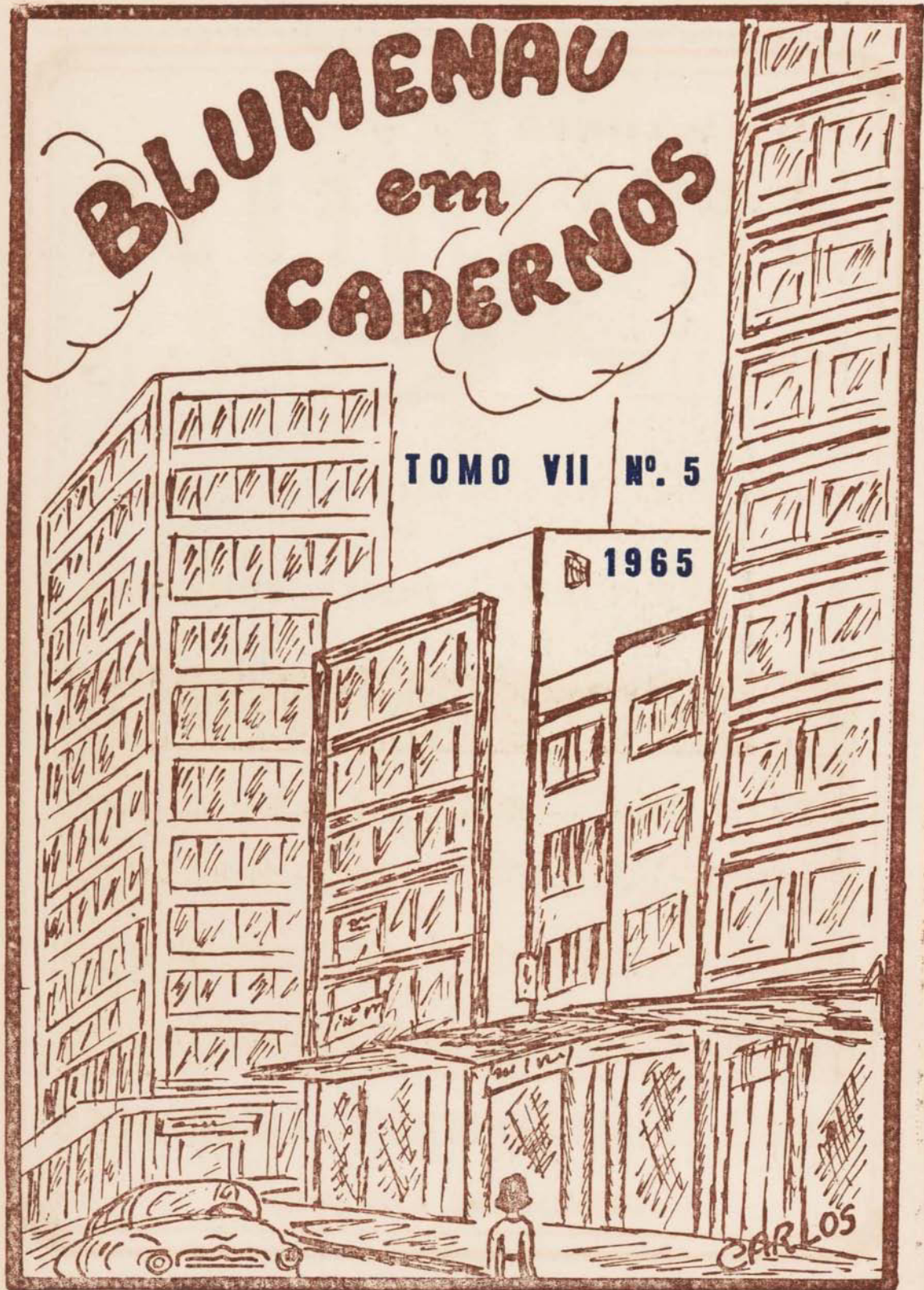


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII Nº. 5

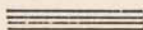
1965



GRANDE HOTEL BLUMENAU



**Garage própria — Restaurante — Bar — Buete
Terraço — Vistas maravilhosas — Salão Social.**



O máximo em conforto e bom tratamento - Categoria Internacional

BLUMENAU - STA. CATARINA

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VII



N.º 5

O PALHÊTA

Celso LIBERATO

A quem, hoje em dia, desce de automóvel de Blumenau para Itajaí ou sobe de lá para cá, pela rodovia pavimentada «J. Lacerda», gastando pouco mais de trinta minutos no percurso de ida ou de volta, raramente há de ocorrer que no tempo de antigamente saía-se de Blumenau ao alvorecer, de carroça ou carro de mola e alcançava-se Itajaí já de noite fechada.

Era tudo o que o dia dava a bater o chão crú da estrada. E olhe lá, que os cavalos comessem milho e cana-sal. E não precipitasse aguaceiro. Nem peneirasse chuvisco. Porque, então, adeus viola, era cuidar de pouso, pois a chegada ficava pro dia seguinte. Ou adiada sine-die.

Em tão penosa conjuntura rodoviária, a tábua de salvação era o Itajaí-Açu, “nosso rio sagrado”, na comovida expressão do grande e inolvidável itajaiense Marcos Konder, a via propícia, o carreiro franco de comunicação e transporte entre as duas cidades.

Assim o tráfego de cargas e passageiros era todo feito por “peruas”, iates e lanchões, que se valiam do varejão, do remo e da vela, como meio de locomoção.

Mais tarde, importado pela companhia Fluvial de Navegação a Vapor Itajaí-Blumenau, chegou da Alemanha o vapor “PROGRESSO”, acionado por rodas de pás, próprio para a navegação fluvial de pequeno calado.

Depois, o “BLUMENAU”, o “JAN”, o “SANTA CA-

TARINA" e o "RICHARD PAUL", completaram a frota a vapor que fazia a linha regular no rio.

O "BLUMENAU", também de importação daquela Companhia, veio da Alemanha desmontado, sendo reajustado em Itajaí, sôbre terrenos de beira-rio, mais ou menos em frente à antiga Igreja Matriz.

Era um vapor elegante e simpático, de caixas de rodas, como o "PROGRESSO", mas mais espaçoso e potente, e de maior capacidade de cargas e passageiros, logo cognominado de o "PALHÊTA", dadas suas condições de velocidade.

Por sua vez, era o "SANTA CATARINA" ou simplesmente o "CATARINA", como passou a ser conhecido, um rebocador curto e bojudo, mas de fôrça muito superior à do pequeno "JAN".

Bem me lembro de quando o "SANTA CATARINA" começou a fazer suas experiências de máquinas no trecho fronteiro á cidade de Itajaí, sob o olhar técnico do meu amigo Marcos Gustavo Heusi. Era pequeno, o danado do vapor, mas roncava como gente grande. No córte da prôa formava-se um enorme "bigode" de espumas, e o deslocamento das aguas armava maretas que rebentavam nas margens, balouçando as pequenas embarcações ali ancoradas.

Dentro em pouco, divisou-se no "CATARINA" um sério rival do "BLUMENAU", até então tido e havido como o "bamba" do rio, o mais veloz, o dono da pista líquida do Itajaí-Açu. Até ali, "fizera a barba" de todos.

Mas o "match" decisivo entre os dois, estava difícil de acontecer, pois como navios de linha em geral quando um subia o rio o outro descia, de sorte que nunca havia um encontro, si não sempre um desencontro.

Certa vez, porém, um numeroso grupo de itajaienses, entre os quais me encontrava, inventou um "pic-nic" em Gaspar, utilizando para isso, o "líder" "BLUMENAU", que no dia marcado, ao romper da manhã, partiu, todo embandeirado em arco.

Á tarde, depois de breve mas agradável convívio com a boa gente gasparense, retornava o grupo a Itajaí com o "BLUMENAU" palhetando garbosamente a água dôce do Itajaí-Açu, quando, para surpresa de todos, surge na sua esteira, o ronca-

dor "CATARINA", que também demandava Itajaí. A viagem extra do "BLUMENAU", ensejava o encontro.

E começou a torcida a bordo, pois o "CATARINA" aproxima-se, ameaçando "cortar a proa" do "BLUMENAU", cujo comandante, o bonachão Gustavo Hacklaender, fumando calmamente o seu cachimbo, movimentava a roda do leme de um lado para outro, e mantinha o navio em sua marcha regular, indiferente ao nervosismo dos passageiros.

Mas o "Catarina", em regime de fôrça total, fazia onda. Ficava mais pato. Enterrava mais na água. O "bigode" crescia e alvejava. Já não era um vapor. Menos ainda um rebocador. Era um monstro de aço, a expelir fumo e fagulhas pela grossa e atarracada chaminé. Um maremoto, cujas ondas vergavam os canços das margens, assustando os martim-pescadores, que voavam, aos gritos. Estava mesmo decidido a vender caro a sua derrota. E mandava brasa para o "BLUMENAU", onde já havia verdadeiro *suspense*.

Foi, então, sensibilizado pela angústia geral, e já sentindo, talvez, que seu barco arriscava naquela perigosa cartada, a sua corôa de louros, que mestre Hacklaender curva-se sôbre o porta-voz de metal polido e exclama vagarosamente: TÔ... DA...

Não lhes conto nada. Mal esta palavrinha mágica souou na casa de máquinas, onde outros dois amigos José Gall e João Nascimento e seus companheiros, suavam a camisa de trabalho, sentiu-se que o vapôr arrancava violentamente, e tôda sua estrutura estremeceu, como se sùbitamente atacado de tremedeira. As rodas giravam tão ràpidamente que se tinha a impressão de que as pás tocavam apenas de leve a flôr das aguas.

Durou ainda alguns minutos a dramática peleja, com os passageiros aos gritos de "passa não passa", até que, já na plenitude de sua fôrça, o "BLUMENAU" dava adeus ao "CATARINA", que desaparecia numa curva do rio.

Com êste feito detinha mais uma vez o "BLUMENAU" a fita azul do Itajaí-Açu.

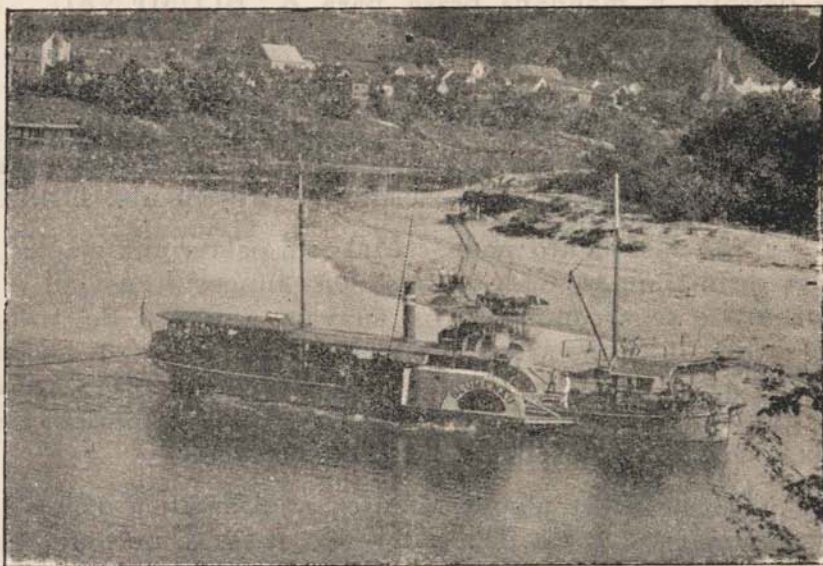
Logo após, com o seu *charme* de pequeno paquete, contornava, graciosamente, a volta da Thieme e apontava o bico da proa para o pôrto de Itajaí, atracando no trapiche da então grande firma itajaiense, Asseburg & Cia., onde os passageiros alegremente desembarcaram, dando-se conta dos encantos da

excursão e das emoções da viagem, já com a cidade de luzes acesas.

Muitos anos depois dessa memorável “virada”, já a serviço da Seção Fluvial da Estrada de Ferro Santa Catarina, foi o glorioso barco aposentado compulsoriamente, por limite de idade.

Há tempos, alguns idealistas do Kenel Clube de Blumenau, retiraram-no de seu abrigo num ribeirão de Itoupava-Sêca e o entronizaram sôbre dois suportes de concreto, na prainha de Ponta-Aguda, em frente á cidade.

E lá está até hoje, imóvel como a mulher de LOTH, com a ferrugem a lhe devastar as chapas do casco, aquela simfonia inacabada, aquêlo fantasma de navio, aquela relíquia do passado, a espera que se concretizem os planos de sua restauração e aproveitamento como chamariz turístico e monumento tradicional.



O vapor «Blumenau» que, durante várias décadas, foi um dos poucos e eficientes meios de comunicação da Colônia Blumenau com o pôrto de Itajaí. O presente artigo do nosso eminente colaborador, Sr Celso Liberato, é um verdadeiro hino em homenagem ao velho pioneiro que, hoje, jaz apodrecendo num recanto de Ponta Aguda sem que os responsáveis procurem evitar êsse crime contra o nosso passado.

Até quando continuará naquela agonia? A resposta está na ponta da língua, é aquela pré-fabricada, obra-prima do fatalismo asteca, a que se refêre Êrico Veríssimo em várias passa-

gens de seu livro "México": "Pues quien sabe?".

Impossível destacar no condomínio ribeirinho do curso navegável, a cidade, a vila, o nascente povoado, que contou com a mão-de-obra de transporte do "BLUMENAU" e de tôda a rê-de de embarcações, no seu processo de desenvolvimento econômico e social.

Itoupava-Sêca, Blumenau, Belchior, Gaspar, Poço Grande, Pocinho, Ilhota, Barra do Luís Alves, Pedra de Amolar, Escalvados, Espinheiros, Machados, Barra do Rio e Itajaí, quem poderá esquecer as acostadas no pôrto ou no barranco, as chegadas e saídas, os embarques e desembarques, ou a passagem ao largo, com a enfiada de lanchas a reboque?

E enquanto não sái a restauração, continúa o infatigável trabalhador do rio, o invicto "BLUMENAU", novo herói carlyleano, naquela curva de praia, a olhar a cidade que ajudou a formar e crescer, que acudiu na aflição das enchentes e tantas vêzes saudou com os silvos dos seus apitos e o colorido de suas bandeiras.

A olhar a cidade e a ouvir o murmúrio das águas do rio, que tôda vida levou a subir e descer, na sua obra pioneira de comércio e navegação, na sua missão errante de progresso e civilização dêste verdejante Vale do Itajaí.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

Na cidade de Schlezwig, Alemanha, há uma rua com o nome de Marcos Konder. É uma homenagem prestada pelo Conselho Comunal daquela cidade, à memória de Marcos Konder Senior, pai dos quatro irmãos Konder, todos ligados à vida política, social e administrativa do país. A homenagem foi prestada em 1954.

ESTANTE DOS "CADERNOS"

«PASTORAL DE SAUDAÇÃO» — Há pouco transferido da Arquidiocese de Florianópolis para a de Ribeirão Preto, em São Paulo, Dom Felício da Cunha Vasconcelos vem de dar à publicidade a Carta Pastoral com que saudou os seus diocesanos, ao assumir o seu novo e elevado pòsto no govèrno da Igreja em uma das mais adiantadas e prósperas cidades bandeirantes

Conhecemos de muito tempo o ilustrado antístete. Vimos acompanhando a sua brilhante trajetória pelos vários postos que ocupou, desde o de simples guardião de convento da Ordem Franciscana, a que se filiou, depois de sacerdote secular, até aos de Bispo de Penedo, Alagoas e, depois Arcebispo-coadjutor da Capital de Santa Catarina.

E, por onde quer que a sua ação se fizesse presente, S. Excia. se tem comportado como um prelado sábio e compreensivo, tal como convém a um verdadeiro sacerdote de Cristo.

Exaltando e praticando a Caridade, como a mais sublime de tôdas as virtudes, a que sintetisa tôda a sublimidade e grandeza da Religião, D. Felício se tem destacado pelo amor ao seu rebanho, pela bondade e carinho apostólico para com os fiéis entregues ao seu cuidado. É um guia bondoso e paciente, um conselheiro que entremeia de brandura as suas admoestações, que sabe ser delicado e caridoso até mesmo quando lhe toca a vez profligar erros e vícios, a maldade e o crime.

Paz e bondade são os sentimentos que ressumam de cada uma das páginas de sua recente Pastoral. Esta, mais que uma saudação, é um fervoroso hino à verdadeira Caridade cristã. A Caridade com a qual D. Felício tão bem se identificou.

A linguagem, com a qual o ilustre arcebispo se dirige, pela vez primeira, aos seus novos diocesanos, casa-se, perfeitamente, com a grandeza do tema, pois, além de correta na forma, é de grande simplicidade e beleza.

A Dom Felício os nossos votos de felicidade na direção da Arquidiocese confiada à sua sabedoria e prudência e os nossos agradecimentos pelo exemplar da sua Pastoral e pela honrosa dedicatória com que nos distinguiu.

UM CINQUENTENÁRIO GLORIOSO

José Ferreira da SILVA

O transcurso, neste ano, do cinquentenário da fundação da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, enseja-me oportunidade para registro de alguns fatos ligados àquela piedosa instituição.

Quando, em 1920, o desempenho de funções para que fôra nomeado, levaram-me a estabelecer residência em Rodeio, então 7.º Distrito de Blumenau, a Ordem das Catequistas estava nos seus começos e era ainda supervisionada pelo seu fundador, o Padre Policarpo Schuhen, de abençoada memória.

Frei Policarpo era homem alto, de compleição robusta e fortemente sanguínea. O menor esforço, ou a mais leve emoção, dava-lhe ao rosto e ao pescoço tal vermelhidão que pareciam querer explodir a cada momento. Ape-

O Revmo. Padre Frei Policarpo Schuhen, da Ordem dos Franciscanos, fundador da Ordem das Irmãs Catequistas Franciscanas, que morreu em União da Vitória, alvo de um tiro de ladrões que, à noite, assaltaram a Igreja Matriz daquela cidade.

Foi um sacerdote de grandes virtudes e muita atividade apostolar.



sar do seu porte circunspecto e das suas atitudes quase ásperas, era homem tratável, delicado e sensível aos sofrimentos e às dificuldades dos seus paroquianos.

Liguei-me a êle por uma sólida amizade. E, por mais de uma vez, tive provas de que êle correspondia à estima e à admiração que eu lhe dedicava. Era homem que sabia conter os seus impulsos e as naturais explosões de seu gênio, moldado nos princípios da tradicional austeridade dos cató-

licos alemães, intransigente na obediência cega aos ensinamentos cristãos e ás determinações da Igreja.

Tinha também defeitos, certamente. E, entre êstes, um que, a princípio, me irritava. Depois, achei-o natural. Tão natural, que eu mesmo a êle me escravizei por vários anos.

Refiro-me ao uso do rapé. Frei Policarpo era um inveterado tabaquista. E não se contentava em aspirar as freqüentes pitadas com a elegância dos nobres rapèzistas da era clássica. Êstes, em requintes de verdadeira arte, abriam a boceta de marfim, marchetada dourado, e, com o polegar e o indicador, retiravam a pitada, levando-a às narinas, num gesto discreto, que um lenço rendado completava, removendo, elegantemente, as sobras.

As pitadas de Frei Policarpo eram de três dedos, e uma em cada fossa nasal, chupadas ruidosa, furiosamente. Um grande lenço de chita vermelha, sempre à disposição na algibeira — uma verdadeira "caverna de Caco" — que os franciscanos usam na manga esquerda do hábito, abaixo da cava, fazia o trabalho da remoção dos "destroços", que se espalhavam pelos lábios, pelo queixo, pelo peito da surrada estamena.

Afora êsse e outros pecadilhos, de que se contaminára no convívio com os tirolezes simples e bons de sua paróquia, Frei Policarpo era um homem limpo de corpo e alma. Sensato. Justo e piedoso. E, sobretudo, compenetrado dos seus deveres de superior do Convento, do Noviciado e da paróquia que os superiores lhe haviam confiado.

Foi Padre Policarpo quem, vendendo-nos por tuta-e-meia os tipos e a impressora do antigo semanário «L'Amico», que por muitos anos se publicou em Rodeio, em lingua italiana, concorreu para a fundação de «O Escudo», órgão bilíngüe sob minha direção, com a colaboração de Giuseppe Zanluca, Mário Locatelli e outros esclarecidos colonos da região.

Os paroquianos de Rodeio eram em grande número de famílias, espalhadas por todos os recantos dos vales de diversos ribeirões, confluentes do grande Itajaí, como São Pedrinho, Diamantino, Salto e outros, cercados de montanhas, por onde a colonização se expandia, até aos mais escosos recantos suscetíveis de amanho e cultura. Várias capelas foram construídas nas diversas linhas coloniais. Os Tirolêses que as povoavam eram homens profundamente religiosos e não podiam compreender a vida sem igreja e sem padre. Havia as capelas de S. Virgílio, de S. Antonio, de S. Apolônia, de S. Pedro, enfim onde quer que houvesse duas dezenas de famílias, havia fatalmente uma capelinha onde os colonos se reuniam aos domingos para as suas orações, as suas novenas e, de quando em quando, para assistirem à missa pelo vigário ou por um dos seus coadjutores.

E, além da paróquia de Rodeio, os franciscanos tinham, a seu cargo, os colonos de Rio dos Cedros e Ascurra, que eram italianos de outras procedências, de gênio e caráter completamente diferentes dos tirolêses. E entre aquêles, muitos tinham vindo imbuidos das idéias socialistas comuns na Itália unificada e procuravam infiltrá-las entre os companheiros imigradós.

Essa curiosa circunstância da história do desenvolvimento social e religioso das comunidades dos imigrantes italianos no vale do Itajaí, não foi,

ainda, senão em linhas muitos gerais, tratada sèriamente. E, no entanto, oferece matéria interessante, preciosa. Forma um capítulo que, se tem, de um lado, muito de aproveitável para estudo e consideração, de outro, reflete acontecimentos dignos de condenação e de lástima.

Foi quando mais acesos iam os ânimos nesse ambiente, que Frei Policarpo, juntamente com outro seu companheiro de hábito, o Frei Modestino Oechtering, sofreu o atentado da Casa Paroquial de Rio dos Cedros, que, por pouco, não lhe custou a vida. Uma bomba explodira sob o assoalho do quarto dos dois sacerdotes, saindo, ambos, sèriamente feridos.

Deixemos, porém, de lado a lembrança de fatos tão lamentáveis que, se marcam uma época bem triste na vida de comunidades transformadas, hoje, em municípios prósperos, de gente exemplarmente ordeira, nem por isso devem ser revividos na recordação de uma vida apostolar como foi a do fundador das Irmãs Catequistas.



Um grupo de Irmãs Catequistas Franciscanas, no jardim de sua Casa Matriz em Rodeio, S. Catarina.

A messe, como dizíamos, era grande e poucos os padres e leigos franciscanos no Convento de Rodeio. Além de manterem, ali, o noviciado de tôda a Província da Imaculada Conceição, os padres tinham que dedicar-se à cura das almas, não apenas dos colonos da margem esquerda do Itajaí Açu, mas também dos da margem direita, até Subida, até para diante, onde depois surgiram as cidades de Rio do Sul e as que lhe ficam próximas. Por mais que se desdobrassem em atividade, por mais que multiplicassem as suas penas e canceiras, os franciscanos não davam conta, nem mesmo em parte razoável, da sua missão. Principalmente quanto ao ensino primário e o da doutrina cristã.

Foi quando a Frei Policarpo veio a idéia de aproveitar melhor a boa vontade de algumas virtuosas e abnegadas filhas de colonos que, dispendo de alguma instrução e cultura, se prontificaram a ajudar o vigário no árduo mister de levar a luz das primeiras letras e dos rudimentos do evangelho aos mais escondidos lugarejos da região colonial.

Em Amábile e Maria Avosani êle encontrou as pioneiras do movimento que veio a transformar-se numa Instituição que prestou e continua prestando assinalados serviços na difusão do ensino das primeiras letras e do catecismo.

Cheguei a conhecer aquelas duas primeiras catequistas, na sua casa, mais que modesta e simples. Passavam, diàriamente, diante da residência que eu alugara, e que ficava a meio caminho daquela casa e da igreja matriz. iam à missa, em companhia de uma meia dúzia de outras jóvens, que já lhes haviam seguido o exemplo. A congregação começava a desenvolver-se auspiciosamente, embora ainda não dispuzesse do carater de coisa definitiva. O hábito das Catequistas era simples: vestido prêto, inteiro, prêso por um cinto e a cabeça coberta por um lenço, cujas pontas eram entrelaçadas sob o queixo. Caminhavam com a austeridade de velhas freiras, comprometidas da gravidade da sua missão, olhos baixos, piedosas e amáveis.

Quase sempre as acompanhava a Irmã Clemência Beninca, da Congregação da Divina Providência que, desde 1905, tinham um pequeno convento em Rodeio. A Irmã Clémencia descendia de uma das mais destacadas famílias de colonos tirolêses e nenhuma outra mais capaz de orientar as novas catequistas nos primeiros passos da nova instituição.

Pela simpleza e modéstia no vestir e no trato, pela instrução pouco mais que primária que possuíam, as primeiras catequistas eram, não raro, alvo de troça dos irreverentes e pouco compreensivos.

Como a finalidade precípua do novo organismo fôsse o ensino das primeiras letras e dos rudimentos do catecismo às crianças das várias linhas coloniais que integravam a paróquia, as primeiras catequistas eram designadas, de duas em duas, para as diversas escolas paroquiais, espalhadas pelo interior do distrito. Essas escolas ficavam, por via de regra, junto às capelas das localidades respectivas.

Para os colonos dêsses lugares, a providência foi um dom do céu. As catequistas, não apenas podiam cuidar de ensinar a ler e escrever às crianças, e a explicar-lhes as verdades da fé, como — o que para os velhos colonos, profundamente católicos, se apresentava mais importante — poderiam zelar pela capela, comandar as novenas e rezas dominicais e preparar o necessário para quando o vigário, vez por outra, viesse rezar missa.

Os colonos italianos não tinham, no que se referia à alfabetização dos filhos, o mesmo interêsse e o mesmo cuidado que carecterizavam os colonos alemães, seus vizinhos. Estes, fundavam as "Schule-Gemeinde", as Comunidades Escolares, que providenciavam tudo quanto se fizesse necessário, desde a escôlha e nomeação do Professor, a retribuição pelos seus serviços, até a construção do prédio escolar, a aquisição do material didático e até mesmo o julgamento de faltas disciplinares do mestre e dos alunos.

Nas escolas regidas pelas catequistas, a paróquia tinha que olhar por tudo. É verdade que os colonos, na sua quase totalidade, cooperavam na medida do possível, mas, geralmente, a contribuição com que retribuiam o matante esforço das professôras, se resumia em gêneros de sua produção. Pagavam as aulas com ovos, galinhas, linguiça, queijo, verduras. Raro o dinheiro que entrava. Daí, bem se vê, as dificuldades que surgiam na aquisição de livros, cadernos, lousas, lapis e outro material escolar que, nem sempre, podiam ser adquiridos a trôco de gêneros.

E por aí se pode avaliar, também, o grande sacrificio que tiveram de suportar as primeiras catequistas para bem cumprirem a sua missão.

Tinham que ser dotadas de grande abnegação, de forte espírito de renúncia, de extraordinária fôrça de vontade, para suportarem as limitações a que as circunstâncias as submetiam.

Certa vez, a seu convite, acompanhei Frei Policarpo numa visita a algumas das suas escolas do interior. Visitamos, entre outras, a do "Pique". Este, é um lugarejo, próximo a Rodeio, entre altos morros de difícil acesso e que só se alcançava de carroça, ou a cavalo, por estrada miserável.

Ali chegamos por volta do meio-dia. E a viagem abriu-nos o apetite. As duas catequistas, que cuidavam da escola, prepararam-se para almoçar. Evidentemente alegres pela visita do seu pai espiritual, elas não souberam entretanto esconder o seu contrangimento. Frei Policarpo, que, durante a viagem manifestára o intuito de almoçar também ali, depois de uma troca de palavras em voz baixa com as professoras, disse-me decepcionado:

— É, ... acho que temos que ir comer noutro lugar. As catequistas não tem mais do que polenta ... Nem mesmo um cafêzinho elas poderão nos oferecer. Estão sem nada em casa.

Vim a saber, por outras pessoas, que geralmente era assim. As pobres professoras não tinham, muitas vêzes, o que comer, constituindo-se as suas principais refeições num pouco de polenta com salada de "radice".

Com tão abnegadas colaboradoras, a obra de Frei Policarpo tinha forçosamente que prosperar. Era uma obra de santos que Deus evidentemente abençoara.

E, de tal sorte as graças divinas premiaram os esforços e os sacrifícios de Frei Policarpo e das suas catequistas que, hoje, cinquenta anos depois, a instituição, aprovada pela autoridade eclesiástica, conta com nada menos que 450 irmãs, que, em centenas de escolas espalhadas pelo país, exercem salutar e patriótico ministério. Uma das mais importantes finalidades da sua missão é, certamente, estender até onde padres e freiras não conseguem chegar, os benefícios da instrução e as luzes da fé. Há, realmente, muitos e muitos lugarejos, por este Brasil afora, onde os sacerdotes, pela escassez de seu número, tanto como pela carência absoluta de meios da população, para o sustento de um guia espiritual, não podem ser atendidos com a regularidade desejada. E muito menos o poderiam fazer as grandes congregações de freiras, já de si bem poucas para atender ao enorme trabalho nos seus estabelecimentos de ensino e nas suas obras de beneficência.

É, geralmente, até centros assim que chega a ação abençoada das catequistas. Pobres e abnegadas, alegres e felizes na sua simplicidade, elas sabem privar-se, com satisfação, não só do supérfluo, mas até mesmo do necessário em benefício de criaturas que, de outro modo, cresceriam ignorantes, pouco menos que um pêso para a sociedade e para a Pátria,

Frei Policarpo morreu como um martir. Da bemaventurança com que o Senhor o deve ter galardoado, êle olha, sorridente e feliz, o florescimento maravilhoso da obra que concebeu e nutriu com o seu conselho e a sua solicitude.

E há de estar pedindo a Deus que não permita jamais se desviem as suas Catequistas daquele espírito de sacrifício e renúncia tão sublime, que as capacite a compreender o heroísmo de dar o esforço de sua inteligência e calor de sua fé, em troca de uma fatia de polenta e algumas tolhas de chicória...

Recordação da Antiga Blumenau

Gertrudes GROSS-HERING

Haverá ainda quem se recorda de Blumenau nos seus primeiros anos de existência?

Muita coisa foi escrito a respeito, especialmente durante as festas do nosso centenário. Grande parte, porém, do conhecimento do nosso passado se deve a cartas do dr. Blumenau, ou transmitido através da tradição.

Quando a Colônia completou cem anos, a filha mais nova do fundador, acompanhada de sua filha, veio participar dos festejos, a convite da Prefeitura Municipal.

Nessa oportunidade, os velhos blumenauenses puderam reviver o passado, na lembrança das damas modestas que Blumenau conheceu no seu começo. Não, naturalmente, das primeiras imigrantes, pois Dona Gertrudes já nascera aqui, em 1870. Passou aqui sua infância, cujas lembranças ela levou para a pátria de seus pais, quando para lá se transferiu em 1881.

Os Blumenauenses não poderiam ter sido melhor surpreendidos, por ocasião do centenário da sua cidade, do que com a visita da senhora Sierich e de sua filha, descendentes diretas do fundador.

Puderam, assim, os habitantes de Blumenau, homenagear, na pessoa de sua filha, o Dr. Hermann Blumenau e expressar-lhe a sua gratidão, o seu reconhecimento pela obra grandiosa que êle realizou, pela parcela de enormes benefícios com que êle concorreu para o engrandecimento da nação brasileira.

Jamais um particular foi, aqui, alvo de tão carinhosas e sinceras homenagens como as que se prestaram, à modesta dama. Onde quer ela apareceu, nos mais modestos e esquecidos recantos do Vale, foi, digna e festivamente recebida.

Até mesmo, certa vez, quando ela seguia, a pé, acompanhada de sua filha, pela rua Bom Retiro, foi rodeada pela criançada do Pedro II, que justamente deixava as aulas e que alegremente a festejava, querendo cada qual apertar-lhe a mão.

Todos os atos que foram celebrados para comemorar o centenário, tiveram a nota simpática e cordial da presença amiga e venerada da filha do fundador.

Eu tive a honra e o prazer de hospedar as duas distintas damas pelas três semanas de sua estada nesta cidade.

Diariamente elas recebiam convites; constantemente, dezenas de pessoas as visitavam e todos se sentiam honrados e felizes em apertar-lhes a mão, ou em dirigir-lhes algumas palavras de saudação e de carinho. Cada qual trazia-lhes um presente, sabedores que eram que elas, durante a guerra, haviam

perdido tudo quanto possuíam.

Tive depois, em 1952, o prazer de ser sua hóspede em Hamburgo, onde a encontrei, apesar da sua idade avançada, lúcida e saudável. Correspondia-se, ainda ativamente com muitos blumenauenses, escrevendo-lhes longas cartas, sempre indagando de assuntos que diziam respeito à cidade que lhe fôra berço.

(Dona Gertrudes faleceu a 2 de novembro de 1964, com 96 anos de idade, após curta enfermidade. E, mesmo nessa idade proecta, ainda escrevia aos seus amigos e admiradores em Blumenau, em letra firme e segura, em cartas, às vezes, de várias páginas).

E, agora, algumas recordações minhas dos meus primeiros anos de vida

Como em um caleidoscópio, passam pela minha mente fatos e figuras daquela época e os vejo como eram, como se o tempo não tivesse deixado nêles a sua marca implacável, ou os tivesse destruído para sempre.

Sòmente do Dr. Blumenau, que em 1884 deixou, definitivamente, o pedacinho de terra que êle engrandeceu com o trabalho e a atividade do colono alemão, não tenho mais lembrança alguma.

Mas alí me aparece o seu sobrinho, o Consul Gaertner, que, pouco depois da fundação de Blumenau, aqui se estabeleceu e foi um denodado auxiliar do seu tio. A sua figura ainda me aparece, nítida, diante de meus olhos.

A sua casa era, pode-se dizer, o centro intelectual da colônia, onde a espôsa pontificava. Fôra ela que, já no primeiro decênio após a fundação de Blumenau, criara o grupo teatral que, mais tarde, se transformaria nesse maravilhoso «Carlos Gomes», síntese da cultura artística e intelectual dos blumenauenses. E ela, com o cônsul Gustavo Salinger, foi a alma dêsse grupo. Na velha «Schützenhaus», uma construção primitiva e simples, em palco despido de qualquer pretensão, eram encenadas peças teatrais que atraíam a população inteira do nascente povoado e até mesmo das colônias próximas, ávida de alimento para o espírito.

Hoje, ante o progresso da literatura cênica, seriam talvez ridículas as peças que o grupo oferecia. Mas eram das melhores da época e, graças à competência e dedicação de Dona Rose Gaertner, eram magistralmente representadas.

Ela mesma e o sr. Salinger, quase sempre, faziam os principais papéis.

Pouco mais tarde, surgiu outro elemento a quem foram atribuídos papeis de responsabilidade. Foi o sr. Krause, que fundara uma fábrica de caixinhas de madeiras para charutos, na Barra do Rio em Itajaí.

(Como o «Progresso», sòmente duas vêzes por semana, fazia viagem de ida e volta a Itajaí, bem se pode imaginar o quanto dificultava ao bom homem vir tomar parte nos ensaios.

Mais tarde, pensou-se em peças teatrais de maior vulto e responsabilidade. E entre os que nela tomaram parte, muitos se revelaram verdadeiros artistas.

Grande passo foi dado à frente pelo grupo com a construção de um teatro próprio, em 1896, no terreno adquirido da firma Meyer & Spierling, na rua das Palmeiras. A casa comercial, anos antes, se incendiara.

Pôde agora o grupo trabalhar livremente e, assim, a Sociedade Teatral «Froh-sinn» conseguiu elevar, sempre mais, o nível artístico das suas peças e, consequentemente, dar maior incentivo à cultura da população do Vale do Itajaí. Até 1900, Dona Rose esteve à frente da iniciativa. Depois de sua morte, assumiu-lhe o posto de liderança no teatro a senhora Nanny Poettig e o senhor A. Zittlow, pois também o sr. Salinger adoecera gravemente.

Até 1937, o velho Teatro, leal e bravamente, serviu à cultura blumenauense e quando as circunstâncias vieram confirmar a necessidade de sua transformação e o número de sócios de tal modo aumentou, tratou-se da construção de uma nova sede que correspondesse ao progresso da cidade.

E assim surgiu o imponente «Carlos Gomes», em terreno fronteiro à então redação do jornal «Blumenauer Zeitung».

Nesse meio tempo, também a «Sociedade dos Atiradores» adquiriu novas roupagens, isso por volta de 1900, com a reforma de sua sede, especialmente no interior. O domingo do Espírito Santo, era festa do Ano de Blumenau. E a Sociedade dos Atiradores era quem a comandava. Aliás, o domingo era mais destinado às comemorações religiosas, mas, já à noite, começavam os festejos populares, com a passeata de parte dos atiradores pela cidade, marchando em frente a banda de música, simbolizando o «toque de reunir» para a manhã seguinte, os exercícios e provas de tiro, que se prolongavam pela segunda-feira e até terça-feira seguintes.

Às sete e meia de 2.^a feira reuniam-se os atiradores, fardados com a sua bela jaqueta verde, na Rua das Palmeiras, em frente do Hotel Lungershausen e, mais tarde, na Rua 15, em frente ao Hotel Gross. Em ordem unida, garbosos, lá se iam eles, depois, em formatura, marchando para a Casa dos Atiradores, sob o comando do respectivo comandante, Todo penetrado do seu honroso encargo, ia adiante como baliza, o velho Roedel, usando uma fraldilha de couro sobre o terno, e conduzindo um machado, encostado aos ombros. Tinha êle a cara enrugada e marcada de varíolas e um curioso cacoete que lhe abria um vinco do canto do olho direito até o canto esquerdo da boca. Quando o olhava por muito tempo — a gente começava também a imitar-lhe o cacoete. Imediatamente atrás do desfile, formava a rapaziada blumenauense, em marcha mal cadenciada. Os rapazes iam de espingarda de bastão às costas e, como as armas de seus pais e tios, iam todas enfeitadas com ramalhetes de flôres. Isso, naturalmente, fôra tarefa das espôsas, mães e tias que se esmeravam em fazer com que os ramos de flôres ficassem bem firmes, presos aos canos das espingardas. De vez em quando, acontecia também que um dos pequenos, que marchava ao lado do pai, topava o dedo grande do pé descalço, nalguma pedra do caminho e obrigava o «velho» a socorrê-lo, deixando a fileira.

Diante da marcha, as bandas Ruediger e Werner, com suas cornetas tocavam em estilo de fanfarras. Bem no comêço, havia apenas a banda do Ruediger, pois o barbeiro Werner só mais tarde fundou a seu conjunto.

Naturalmente que a sede dos atiradores era bem diferente de hoje. Com excavações e remoção de terras seguidas o pátio foi paulatinamente melhorado e alargado. Naquele tempo ainda havia as cêrcas de arame, fortes acidentes do terreno e muito pântano, após as chuvas. E isso quase sempre acontecia antes do Espírito Santo.

Papai Lungershausen providenciara abundante munção de bôca. Para os amigos de gulodices, havia as celebradas «Mohnkuchen» (que a mim sempre me causavam enjôo) e amendoas torradas com açúcar mascavo, ros-cas, doces etc.

Mas, para os atiradores mesmo sobravam galinhas recheadas e pa-tos assados e, nas pequenas barracas, não havia mãos bastantes para arran-car as rolhas das garrafas com etiquetas das cervejarias do Hosang, do Risch-bieter e do Brandes. Anos mais tarde o número de rótulos se enriqueceu com os da cervejaria do Jennerich.

Naquele tempo ainda não se fabricava gêlo em Blumenau. E eu não posso imaginar que prazer se tinha em ingerir tôda aquela cerveja quente. Mas certamente ela era bem gostosa, pois, a pouco e pouco, as vozes iam se elevando, a alegria ia crescendo e o louro líquido ía exercendo os seus naturais efeitos nas mentes carregadas de euforismo.

E á tarde, quando as espôzas dos atiradores, metidas em vestidos novos (vestes novas eram lei nas festas do Espírito Santo) apareciam, com as suas crianças, no local da festança, o clima da alegria chegava ao seu ponto culminante. O rei do tiro já acontecera antes do meio dia e fôra tar-tamente regado, pois era costume que, quem conquistasse êsse título, pagaria para os seus dois cavalheiros (aqueles que alcançaram a 2.ª e 3.ª colocação), e também aos demais companheiros, e havia poucos que regeitassem a oferta.

Já terminára então o almoço com os discursos alusivos e os brin-des e «vivas», e que trancorrera animado, tendo-se contado muitas anedotas. Podia-se contar que as bedidas alcoólicas, com que foram melhadas as güe-las, não deixaram de fazer efeito. Havia quem perdesse a noção das funções das pernas, preferindo, desta maneira, permanecer sentado na mesa; outros viviam abraçando os companheiros, deitando falação sem nexo, enquanto ou-tros ainda discutiam sôbre a casualidade, ou não, do bom tiro com que o companheiro se consagrara «rei». O zum-zum no salão de festa, e na cancha do tiro, era como o de abelheiro.

É lógico que, êste estado de coisas, não tentasse as senhoras a regalarem-se com a companhia de seus consortes. Costumaram reunir-se, assim na barraca do café, um «puxado» em estilo de caramanchão, de onde podiam vigiar a filharada nos seus folguedos no pátio da casa dos atiradores.

Em baixo de duas enormes palmeiras, costumava o «Schirmonkel» estabelecer-se com um pôsto de vendas de miudezas, e a gurizada estava an-siosa de adquirir algo das bugigangas expostas, para gastar, o mais depressa possível, os vinténs recebidos do pai para êste dia de festa. Aproveitando-se do bom humor de seus genitores, conseguiam, geralmente aumentar esta verba, pois mesmo os mais seguros não resistiam então, às implorações dos filhos, concedendo mais do que, em estado sóbrio, estariam dispostos a gastar.

Atrás do balcão improvisado de tábuas brutas, manejava o Schir-monkel a mercadoria, favoravelmente exposta. Quanta coisa tentadora havia aí — lápis, com os quais dava, de fato, de escrever, contanto que gente lambesse antes a ponta dos mesmos; — pomada para o cabelo, não impor-tando que, mesmo já por fóra, não fôsse muito bem cheirosa; abotoaduras, impressionando mais pelo tamanho do que pela beleza; broches que, infeliz-

ente, guardava-se depois nas gavetas, porque raras vêzes conseguia-se enfiar os alfinetes enferrujados nos vestidos; havendo ainda lenços, bem coloridos, e outras coisas mais.

Não faltavam, entretanto, também as diversões infantis, como «bater o Lucas», «corrida das rosquilhas» (quando o vencedor colhia uma penca das mesmas, penduradas em vara de bambú, no ponto final); havendo ainda o «escorregador» e Kletterstange (mastro com brindes)

No segundo dia das competições, o regulamento não era observado com muito rigor. Muitos que, no dia anterior, abusaram nos comes e bebes, chegaram tarde à cancha, em animação de ressaca. O certame dêste dia consistiu mesmo apenas no «tiro ao pássaro». Ao vencedor desta competição, não foram também atribuídas as mesmas honrarias como ao «rei do tiro ao alvo», que necessitava atingir 3 vêzes o número 12, para conquistar êste título. Já o passaro era abatido mais por sorte, — por vêzes um único tiro certo, assentado casualmente, fazia a ave tombar.

O maior entusiasmo havia passado, quase todos estavam cansados do programa do dia anterior. Provavelmente muitos atiradores haviam prometido, ainda, à espôsa, de se controlarem na bebida, para que não fosse estragado o prazer do baile, que realizar-se-ia à noite.

Numa sala, ao lado do salão de festas, encontravam-se reunidos os apaixonados jogadores de «skat». Eram êles, na sua maior parte, cavalheiros já entrados nos anos, que de antemão, sabiam que, na competição de tiro, não marcariam sucesso. Também no segundo dia da festa, ocuparam êles os seus lugares nas mesas de jôgo, importando-se pouco com o decorrer da mesma. Mas as vozes, que se escutava destas rodas de jôgo, fazendo as respectivas propostas de «Grand cour 2», «Grand a tout» ou «null ouvert» etc., faziam parte das festividades, como o amem da igreja.

Muitos dos atiradores teriam preferido, à noite, mergulhar na maciez do leito acolhedor, em vez de mover, na dança, as pernas que, por vêzes, nem recuperaram ainda de todo a firmeza, após o «pileque» do dia anterior. Não poderiam, entretanto, desepcioniar as caras esposas, que quizeram «ter tambem alguma coisa» desta festa, pretendendo, nem por último, impressionar com os seus vestidos novos. Assim não havia remédio, e muito campeador extenuado chegou ao salão de baile, que nem vítimas ao altar de oferendas.

Êste salão que, duas horas antes, estava ainda sujo e com ar viciado de fósforos e pontas queimadas de cigarros, exalava agora o cheiro de limpeza. Mesmo estando ainda um pouco úmido da avalanche de água com que o inudaram por ocasião da faxina, tornara-se escorregadio, à custa do raspo de duas velas. «Papai» Lungershausen as despendera, para melhorar e acondicionar para as danças, o assoalho de táboas desiguais.

A incansável banda dos Ruediger estava a pôsto, e as 7,30 horas em ponto, convidava com fortíssimo toque de trambetas os presentes, para formarem para a «Polonaise». O «rei», com a faixa sôbre o peito, ao lado da «rainha», e seguido do rei do pássaro e dos dois cavalheiros com seus pares, precedia ao desfile figurado. Podia-se observar como os atiradores cansados foram-se revitalizando, funcionando maravilhosamente a polonaise em tôdas as fases de agrupamentos, sendo finalizada com breves rondas de

um marcante «galope».

À juventude daquela época, puderam os mais velhos servir ainda de exemplo, pois superavam os jovens no exercício físico das danças, onde eram incansáveis. A animação era geral, e ninguém se abstinha das bebidas.

Ainda outra sociedade funcionava na sede e no terreno dos atiradores. Foi esta a Sociedade de Ginástica. Os ginásticos tiveram de contentar-se com um aparelhamento primitivo nos seus exercícios, que, entretanto, foi muitíssimo bem aproveitado.

A Sociedade de Ginástica alcançou o seu auge, quando, em 1895, o Sr. G. Arthur Koehler — proprietário, mais tarde, de livraria e tipografia, (a atual «Livraria e Tipografia Brumenauense») e editor do Jornal «Der Urwaldsbote», assumiu a direção da mesma. Nesta gestão foi adquirido um terreno adquado para a finalidade, e construído o pavilhão de ginástica, com dependências. No campo espaçoso realizaram-se as muitas apresentações de ginástica e atletismo, quando a afluência era tão grande, como é hoje a dos de futebol.

A Nacionalização, iniciada em 1938, lementavelmente pôs termo a esta modalidade de esporte. Pavilhão e campo passaram para outros donos, com o abandono da finalidade original.

O quadro da sede de Blumenau, sob cuja denominação se compreendia o trêcho da Rua 15 de Novembro, desde o seu início até a ponte sôbre o ribeirão Garcia, e a Alamêda das Palmeiras, ou «Duque de Caxias», conservou-se, de um modo geral, até hoje, nos moldes de outr'ora. As construções velhas desapareceram, como também não existem mais, na extensão restante da nossa rua principal, as casas no estilo típico de outr'ora, com os seus jardins fronderços. Em substituição as mesmas apontam hoje os edifícios altos ao céu, que mudaram o caráter da nossa urbe. Tenho a impressão que os mesmos, deitando o olhar do cume de sua altivez se sintam, êles mesmos, desambientados no cenário paisagista.

Enfrente da segunda rua de comunicação entre as faixas da Alamêda das Palmeiras, ficava a Casa do Dr. Blumenau, com o seu belo jardim. Êste conservava-se florido e perfumado, na época da minha infância, como nos tempos em que fôra implantado por seu idealizador. Na casa morava, então, o dentista Riedel com a sua família, e eu gostava de permanecer aí, em companhia de uma das filhas a minha amiga Alice.

Sempre senti-me enlevada ouvindo talar na Família Blumenau, mesmo que eu contando 10 anos de idade, não pudesse avaliar ainda a obra do fundador de nossa comuna. Tive então a impressão, de estar sentindo o sôpro do passado.

No mesmo lado da rua, 3 casas mais para a frente apenas, encontrava-se a nossa escola. Ocupava esta um prédio antigo, de um só pavimento, com jardim fronderço, não muito bem cuidado. Servira a casa, outr'ora, de moradia ao Pastor Hesse e Família. Tendo sido êste o avô da minha Alice, achei interessante também esta casinhola, bastante humilde. As paredes internas de separação haviam sido atastadas, e a sala ampla, assim conseguida, abrigava as primeiras classes da escola. Os alunos maiores estavam instalados no puxado da casa, muito incomodamente. Quando o número, sempre crescente, de alunos não cabia mais neste ambiente, e tornou-se

necessário a instalação de mais uma classe, aproveitou-se também a antiga cosinha desta casa. Esta teve piso de cimento, e constava de pequena construção suplementar, nos fundos da escola. Era uma área minúscula, deixando um vão estreitinho de um lado dos bancos, onde nós meninas nos arrastávamos rente à parede, para chegarmos à entrada dos respectivos bancos. Os rapazes resolveram o problema, entrando pelas janelas e pulando para os seus lugares.

Mas o que importava tais circunstâncias? Não éramos acostumados mesmo a muito conforto, e achamos importante, apenas, que tivéssemos bons professores. Quanto a isso havia o comentário, que a nossa escola podia, sem favor, ser igualada ao nível das escolas elementares da Alemanha.

Após alguns anos, a casinha precária não comportava mais, de maneira alguma, o número de alunos. Assim decidiu a Sociedade Escolar, a construção de um prédio maior, mais adequado à finalidade. Surgiu, então, no mesmo terreno e ocupando-o até à beira da rua, um edifício de dois pavimentos que se denominava de «Escola Nova», e que, durante a primeira guerra mundial, ficou fechada durante um e meio ano, mais ou menos.

Anos depois, também este estabelecimento não tinha o espaço suficiente para as exigências, resolvendo a Sociedade Escolar a construir novamente.

No alto de uma colina, em terreno doado por meu irmão Max, foi levantada uma construção de três alas, em moldes já mais modernos, passando a ser denominada «Escola Alemã». O professorado havia sido aumentado por professores e professoras que chegaram da Alemanha, após entendimentos mantidos com a entidade escolar, e que cooperaram, bem com os colegas já existentes do quadro efetivo da escola. Foi anexado um Jardim de Infância a este estabelecimento de ensino, o qual, pouco tempo depois, pôde ser transferido a um prédio próprio, na Alamêda Rio Branco, cuja construção fôra possibilitada através de doações generosas.

Infelizmente não foi possível manter-se a Escola e Jardim de Infância nos moldes tradicionais, pois as determinações do movimento de nacionalização, iniciado em 1938, pôs fim a este sistema.

Os professores alemães voltaram à sua pátria, e a escola passou a funcionar, durante alguns anos, como educandário particular, com professores brasileiros, sob o nome de «Dom Pedro II».

Mais tarde foi feita a doação de todo este patrimônio ao Governo do Estado, que o administra, desde então, sob o nome de «Colégio Estadual Pedro II», tendo instalado, no decorrer dos anos, vários cursos novos, até noturnos.

No local onde, outrora, se encontrava a nossa velha escola, deparamos hoje com uma construção nova, um pavilhão comprido, de linhas simples. O mesmo abriga a Biblioteca Pública Municipal «Dr. Fritz Müller», devendo-se a realização da mesma, e a organização excelente desta instituição, ao estímulo e à eficiente administração do conceituado Diretor do Estabelecimento Sr. José Ferreira da Silva.

No recenseamento verificado em 1900, apurou-se a existência de um indivíduo, residente em Belchior, dêste município, que tinha 108 anos de idade, conservando, ainda, o perfeito gozo de suas faculdades mentais e ótima saúde. Chamava-se Raimundo Jacinto da Silva. Tinha uma filha com 86 anos e um filho com 84 anos de idade.

Sempre foi uma das mais sérias e trabalhosas preocupações das donas de casa o problema da lavação de roupa. E, por isso mesmo, em todos os tempos, foi preocupação também constante dos inventores descobrirem meios ou instrumentos que vissem aliviar as donas de casas dessa estafante tarefa. E aqui no Vale do Itajaí não se fazia exceção a essa regra. Assim é que já no primeiro ano dêste século, quando por outras partes do mundo se ensaiavam as máquinas de lavar roupa, aqui também eram feitas tentativas nesse sentido. Em dezembro do 1901, um certo senhor Carlos Kühne, de Brusque, fazia publicar nos jornais de Blumenau uma notícia assim: O pior trabalho numa casa de família é, sem dúvida, a lavação semanal da roupa suja. As coitadas das mulheres e moças, ficam, às vêzes, por horas inteiras sob o sól causticante, dobradas sôbre o tanque, ou ajoelhadas à beira dos regatos, muitas vêzes com água pelos joelhos, arruinando a sua saúde. Se se chegasse a inventar uma máquina que as ajudasse nesse mistér, como aconteceu com a máquina de costurar, seria para elas um grande benefício. As máquinas de lavar que, até agora, têm sido apresentadas aqui, padecem, tôdas de grandes falhas. Ou são muito complicadas, ou são muito caras ou ainda arruinan completamente as roupas. De nenhum dêses defeitos padece uma máquina de lavar que, de conformidade com uma amostra moderna, importada, o sr. Karl Kühne, de Brusque, está fabricando e que tem dado exelentes resultados, custando, apenas, 50\$000 (Cr\$ 50). Essa máquina é manual, símples, sólida. Uma dessas máquinas está em exposição na Casa de Carlos Jansen (N. da R.: Onde hoje é o Hotel Estrela) para exame e prova de qualquer pessoa. Segundo nos infor.ma um conhecido, uma grande família de Brusque, com auxílio dessa máquina, já às 8 horas da manhã está com tôda a roupa no coradouro. Recomenda-se o uso de uma dessas máquinas para diversas famílias. Coms se vê, até nessa indústria de fabricação de máquinas de lavar roupa, o Vale do Itajaí caminhava como pioneiro.

Nos jornais de março de 1900, o sr. G. Ermlich, comerciante e livreiro, anunciava à venda de bandeiras nacionais de 4 e meio metros de comprimento, por 25\$000 (Cr\$ 25)

Como se sabe, por ocasião das comemorações do 50.º aniversário da fundação de Blumenau, em 1900, foi publicada uma poliantéia em ótimo papel, formato grande, com muitas e magníficas ilustrações. O texto foi feito em três línguas: português, alemão e italiano. Seus principais colaboradores foram: o dr. Cunha, então Superintendente Municipal, o dr. Gensch o dr. Giovanni Rossi e outros. A edição custou 6:263\$050 (Cr.\$ 6.263) tendo a Câmara pago a metade e a outra o Superintendente, dr. Bonifácio Cunha, pagou do seu bolso, (Aliás, o dr. Cunha tinha dessas. Não recebia os seus vencimentos que eram destinados ao aprovisionamento das escolas do município). O exemplar da brochura custava 5\$000 e 7\$000 (Cr.\$ 5 e 7). Há de muito interessante nessa publicação uma poesia da palavra de G. Trentini, intitulada «Ai botocudi» que não queremos deixar de trazer ao conhecimento dos nossos leitores, pois é uma peça que bem traduz os sentimentos do autor, um professor da colônia, chegado com as lévas de italianos que vieram para Blumenau em 1875/76 em diante. Trentini era católico, de vida muito regrada, inteligente e possuía regular cultura. O soneto em causa faz parte de uma época literária que ainda não foi devidamente estudada.

E essa época possui coisas dignas de nota e de registro.

É este o soneto:

AI BOTOCUDI

Autentici selvaggi, oh botocudi
Che andate errando nei vicini monti
Quanti potremmo far strani confronti
Fra noi, vestiti, e voi, selvaggi nudi!
Sfruttati e sfruttatori, iloti e arconti,
Traficante di donne a suon di scudi,
Di Mercurio e di Marte sacri i ludi
Questa la civiltá, in fin dei conti.
Qual vostra, non so. Ma fin che um giorno
Giustizia e Libertá non siam palesi,
Oh botocudi, non andate attorno
Per questi civilissimi paesi,
Dove la veritá non vale um corno,
E dove impera sol la catechesi.

A presente edição de «Blumenau em Cadernos» deve a sua publicação à gentileza das seguintes firmas que, por intermédio da respectiva Comissão do Lions Clube Blumenau-Centro, contribuíram para o montante das respectivas despesas:

TIPOGRAFIA E

LIVRARIA

BLUMENAUENSE S/A.

CASA PEITER S/A. COMERCIAL

MALHARIA BLUMENAU S/A.

FERRAGENS BRUECKHEIMER

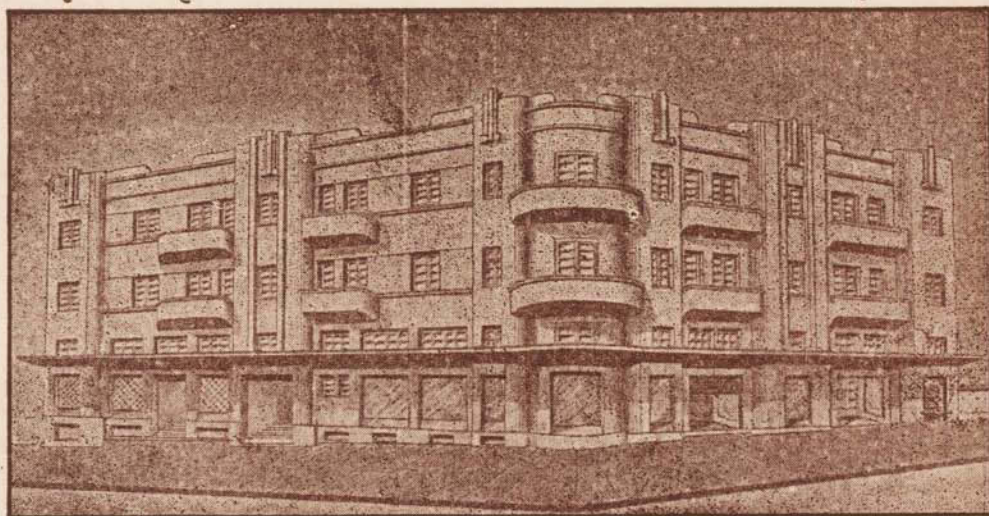
IRACY SILVA & CIA. LTDA.

COMPANHIA
CATARINENSE
DE
SEGUROS GERAIS



RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 18 — 1.º ANDAR
Caixa Postal, 184 — Telegramas: «M Ú T U A»

B L U M E N A U - SANTA CATARINA



A mais antiga Seguradora Catarinense

- FUNDADA EM 1938 -